



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF  
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**BRENNER FERNANDES DE OLIVEIRA**

**ATLETAS TRANSGÊNEROS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

**CAMPINA GRANDE- PB**

**2019**

**BRENNER FERNANDES DE OLIVEIRA**

**ATLETAS TRANSGÊNEROS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Revisão Bibliográfica, apresentado ao Curso de Bacharelado do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

**Orientador: Prof.<sup>a</sup> Alvaro Lima**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Brenner Fernandes de.  
Atletas transgêneros no esporte de alto rendimento  
[manuscrito] / Brenner Fernandes de Oliveira. - 2019.  
17 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Álvaro Luis Pessôas de Farias ,  
Coordenação do Curso de Ciências Biológicas - CCBSA."  
1. Esporte. 2. Atletas Transgêneros. 3. Comitê Olímpico  
Internacional. I. Título  
21. ed. CDD 790

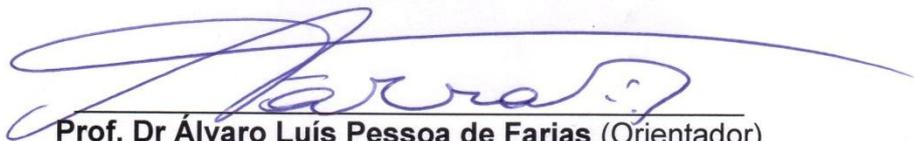
**BRENNER FERNANDES DE OLIVEIRA**

**ATLETAS TRANSGENEROS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

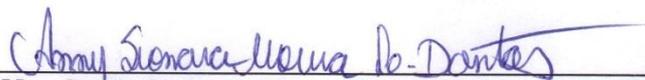
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física..

Aprovada em: 14 /Novembro/2019.

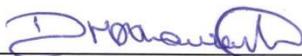
**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Dr Alvaro Luís Pessoa de Farias** (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**Profª Ms. Anny Sionara Moura Lima Dantas** (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**Profª Drª Doris Nóbrega de Andrade Laurentino** (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

"Ninguém caminha sem aprender a caminhar, em aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar."

(Paulo Freire).

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	6
<b>Metodologia</b> .....	7
<b>Desenvolvimento</b> .....	7
<b>Comitê Olímpico Internacional – COI</b> .....	9
<b>Fisiologia</b> .....	9
<b>Atletas Transgêneros Internacionais</b> .....	10
<b>Atletas Transgêneros Brasileiras</b> .....	11
<b>Conclusão</b> .....	13
<b>Bibliografia:</b> .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

# ATLETAS TRANSGÊNEROS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

## HIGH-PERFORMANCE TRANSGENERIAN ATHLETES

OLIVEIRA, Brenner Fernandes

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo os poucos estudos voltados ao tema: transgêneros no esporte de alto rendimento, expondo a importância da inclusão desses atletas e as dificuldades, motivações e as políticas que lhes aprovam em quadra. Para esse fim, constituiu-se um diálogo sobre os transgêneros no esporte percorrendo suas histórias e a criação de políticas de aceitação desses atletas pelo Comitê Olímpico Internacional. Os transexuais estão inseridos em uma minoria na sociedade, diante disso a realidade trans ainda não se aproxima do que é compreendido como ideal, considerando como parâmetros os direitos sociais e humanos, diante disso compreendemos por que existem inúmeras dificuldades para essas pessoas. Avançando ainda pelo Brasil e observando-se os obstáculos na própria comunidade trans, foram levantados alguns dados sobre as políticas implantadas em federações, ligas e confederações para que possam competir escolhendo a identidade de gênero que melhor lhes convier.

**Palavras-CHAVE:** TRANSGÊNERO, COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, ESPORTE.

### ABSTRACT:

This work has as objective the few studies focused on the theme: transgender people in the sport of high income, exposing the importance of the inclusion of these athletes and the difficulties, motivations and the policies which they approve in block. To this end, a dialog on transgender people in sport through their stories and the creation of policies of acceptance of these athletes by the International Olympic Committee. Transsexuals are inserted in a minority in society, in addition to the trans reality not yet approximates what is understood as ideal, considering as parameters the social and human rights, in addition to understand that there are numerous difficulties for these people. Advancing even by Brazil and observing if the obstacles in their own community trans, were raised some data about the policies implemented in federations, leagues and confederations So that they can compete by choosing the gender identity that best suits them.

**Keywords:** Transgender, the International Olympic Committee, Sport.

## INTRODUÇÃO

Antes de mais nada, é importante destacar que, em termos de gênero, todos os seres humanos podem ser enquadrados como Cisgênero ou Transgênero.

Segundo Jesus (2012) Chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento e denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans.

Na opinião de (MONEY, 1955 apud JESUS, 2010) para a sociedade, o gênero do indivíduo está intrinsecamente ligado ao sexo biológico, criando assim expectativas sobre a tal identidade de gênero.

Pessoas pertencentes à população transgênero vivem à margem da sociedade em razão do estigma criado por grupos ou indivíduos que acreditam serem anormais as manifestações de transgeneridade, resultando aos trans a posição de minoria excluída e marginalizada (JESUS, 2010).

Atualmente ainda não encontramos com facilidade muitas referências sobre o tema transgêneros no esporte de alto rendimento, embora seja notória a crescente busca e interesse pela orientação sexual dos indivíduos que compõem a sigla LGBTQ- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Queer, igualmente utilizada como nome de um movimento que luta pelos direitos dos homossexuais e, principalmente, contra a homofobia. No Esporte olímpico, em 2016 o Comitê Internacional- COI mudou sua resolução sobre atletas transgêneros em competições oficiais, permitindo a participação de atletas trans com cis gêneros.

A nova resolução permite homens e mulheres transgêneros participarem de olimpíadas e eventos da entidade sem nenhuma restrição, com a ressalva que as mulheres precisam ter a testosterona controlada para competirem em equipes femininas, e a cirurgia de mudança de sexo não é mais necessária. (Melonio et. al 2019)

Essa mudança trouxe consigo uma repercussão negativa entre os atletas cisgênero e torcedores, esses indivíduos têm dificuldade de respeitar e entender a participação desses atletas, e é sobre a difícil convivência entre ambos – transgêneros e cisgêneros – que trata esta pesquisa.

No Brasil, Tiffany Abreu foi a primeira atleta trans a competir em uma partida oficial de voleibol, no dia 10 de Dezembro de 2017. Sua performance trouxe bastante polemica e repercussão, e sua participação no time feminino vem sendo massivamente contestada visto que: apesar de cumprir os requisitos exigidos pela Comissão Brasileira de Voleibol (CBV) e pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), há controvérsias em relação a real condição física de um atleta trans comparada a atletas cis, portanto é contestada a sua legitimidade no esporte. (Coelho, 2018).

Mesmo durante pouco tempo de sua participação nos jogos de alto, apenas seis meses, já pôde-se destacar a importância e o impacto da representatividade dos atletas de nível profissional para indivíduos que pertencem a grupos minoritários. A figura de um atleta trans em xequê pode catalisar um grande debate na sociedade, analisando por essa perspectiva Jones et al. (2016, p. 702) relatam que o “aumento

na visibilidade pode fazer com que algumas pessoas reflitam e questionem sobre identidade de gênero”.

Este artigo através de uma revisão bibliográfica, debate os questionamentos e as repercussões sobre a inserção de transgêneros no esporte de alto rendimento. O estudo proposto tem como Objetivo geral: explorar as dificuldades que os transgêneros enfrentam ao ingressarem no esporte. Específico: constatar a vivência no esporte e suas dificuldades, com isso levantar informações que possam vir a contribuir para o debate na sociedade e comunidade esportiva.

## **Metodologia**

Este estudo de cunho qualitativo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, fundamentando-se pelo método de pesquisa exploratória que consiste de modo geral em aproximar o objeto de estudo a luz da realidade, compondo bases para novos conceitos e perspectivas diante do tema em questão.

Segundo (LAKATOS & MARCONI, 2007), a pesquisa bibliográfica é ainda um dos recursos mais utilizados na redação de trabalhos. Um método que não é apenas a repetição do que já foi dito ou escrito, proporcionando uma nova abordagem ou exame de um tema em enfoque, levando a diferentes e inovadoras conclusões.

Para a realização desta trabalho foram selecionados artigos que datam o período de 2003 a 2019, dos quais se referem a: transgêneros no esporte, fisiologia do exercício, identidade de gênero e transexuais. Através do banco de dados Google Acadêmico foram encontrado 20 artigos referentes ao alvo da pesquisa, sendo utilizados nas busca os descritores: transgêneros no esporte, caso Tiffane Abreu, Comitê Olímpico. Após analisar estes artigos, foram selecionados 12, todos online e de língua portuguesa e tendo sido aceitos todos os tipos de delimitação metodológica, com os descartes dos incompletos ou com pouca relevância ao tema (Critério de Exclusão).

## **Desenvolvimento**

Falar sobre homossexualidade no esporte ainda é um grande tabu, quando se trata sobre transgêneros a repercussão é muito maior, pois, há bastante preconceito implantado na mente nas pessoas até os dias atuais.

Segundo JESUS (2012), historicamente a população transgênero ou trans é estigmatizada, perseguida e marginalizada, devido a crença na sua anormalidade, resultante na crença de que o “natural” é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual as pessoas se identificam e, portanto, espera-se que elas se comportem de acordo com o que se julga ser o “adequado” para esse ou aquele gênero.

A homossexualidade era considerada doença, até 1990, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) excluiu tal orientação das classificações de doenças, desde então surgiu o dia da Luta Contra a Homofobia, Dia 17 de Maio.

A olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro, foi considerada a Olimpíada mais Gay da história devido a quantidade de atletas participantes assumidos homossexuais, a informação é do site esportivo americano Outsports, voltado à comunidade LGBT. O veículo lista 49 atletas da Rio-2016 que já “saíram do armário”, além de três treinadores. Nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, eram 23 segundo o site.

Porém, alguns atletas homossexuais mesmo na Rio-2016 sofreram com episódios homofóbicos de torcedores. A atleta homossexual Megan Rapinoe, meio-campista da seleção de futebol feminino dos Estados Unidos, reclamou do comportamento homofóbico dos torcedores. Ela diz ser pessoalmente doloroso conviver com manifestações como essa durante o evento. Os gritos de “bicha” foram relatados em pelo menos duas partidas de futebol feminino durante a Rio-2016.

Episódios como esse não é novidade, há décadas que atletas sofrem com esses tipos de comportamento de torcedores, de todos os esportes e time. Em tempos passados não havia comoção por parte das pessoas, nem muito menos era noticiado em jornais ou quaisquer outros meios de comunicação.

Graças ao progresso de incansáveis lutas e programas de conscientizações não apenas no Brasil como em territórios internacionais a compreensão e os direitos relacionados às liberdades individuais têm avançado perante os padrões normatizadores pré-estabelecidos pela sociedade, nesse sentido, atualmente faz parte da agenda midiática a publicização da homofobia e outros tipos de preconceito. (Coelho, 2018).

Mesmo vivendo em tempos de modernidade e aceitação nos esportes, nem sempre foi assim, houve uma luta da classe LGBTQ+ e ainda há para aceitação dos transexuais, mesmo o Comitê Olímpico Internacional-COI já ter liberado e permitido a participação de atletas transexuais com atletas cissexuais.

A “visibilização cada vez maior da população trans se enquadra em um projeto político de emancipação, relacionado à publicização de suas necessidades específicas, suas histórias, suas posições sociais [...]”.Gomes (2010, p.13).

Segundo (Narrik Hugo, ANO) O termo transgênero, no sentido coletivo largamente utilizado, surgiu nos Estados Unidos, em formas desiguais, contestadas muitas vezes pelo *mainstream*, basicamente em contextos ativistas brancos, de classe média, de Nova York e da Califórnia, na década de 1990.

Após a conferencia de 1992 sobre o Direito Transgênero e Política de Emprego que definiu o “transgênero” como um termo abrangente, incluindo “transexuais”, “transgênero”, e “cross-dresser” e qualquer pessoa em transição, como um denominador comum dentro do pantanal terminológico das identidades gênero-divergentes:

desta forma homem trans refere-se a um homem que está na transição de mulher para homem, e mulher trans refere-se a uma mulher que está em transição de homem para mulher, e ainda de acordo com American Psychological Association nos manuais de profissionais de saúde, guias profissionais de estilo jornalístico é aconselhado a adoção por outros do nome e dos pronomes identificados pela pessoa em questão, incluindo referências atuais ao passado da pessoa transgênero por exemplo sendo um homem trans devemos nos referenciar com “o , ele, dele e etc...” ou para a mulher trans “a, ela, dela e etc...”. (Melonio, 2018).

Os transgêneros, assim como as mulheres, negros e homossexuais fizeram e o faz até hoje, estão batalhando para terem mais visibilidade nos esportes, e na vida como um todo. Segundo o site Estadão (2017) várias são as dificuldades que o indivíduo transexual enfrenta diariamente, exclusão, preconceito, dificuldade no acesso educacional, indisponibilidade de vagas no mercado de trabalho, entre outros, e ingressar em um time oficial não é algo fácil a se conquistar.

Segundo Brito et. al (2015) o esporte no que diz respeito ao gênero, ainda é um ambiente muito normatizador, e que permanece, muitas vezes, pautado nas hierarquias homem/mulher para justificar, a partir dos argumentos de caráter biologizante, tais oposições. Ainda assim, mesmo que em passos lentos, mudanças começam a ser vislumbradas no âmbito das práticas corporais e esportivas, desconstruindo os modelos naturalizados que colocam em oposição corpos masculinos e femininos.

No ano de 2015 o Comitê Internacional- COI mudou sua resolução sobre atletas transgêneros em competições oficiais, permitindo a participação de atletas trans com cis gêneros.

### **Comitê Olímpico Internacional – COI**

Em 2003 um grupo de sete especialistas desenvolveu o Consenso de Estocolmo, uma série de regras para participação de atletas transgeneros nos esportes, com obrigatoriedade de cirurgia de mudança anatômica completa incluindo a remoção da genitália externa e gonadectomia, reconhecimento legal do país de origem e o atleta deveria cumprir as regras por, no mínimo, 2 anos antes da competição. O Comitê Olímpico adotou as regras já no ano seguinte em 2004.

Em 2015 a médica física, atleta de longa distância e transgênero Joanna Harper publica a mais detalhada pesquisa científica já feita sobre o Impacto da Transição Hormonal no Rendimento Esportivo. Ainda no final de 2015 o COI reúne Harper e mais 17 especialistas para discutirem mais uma vez a questão.

No início de 2016 é publicado o nono consenso com as regras atuais para a participação de atletas trans em competições oficiais. O documento atualiza pontos que ficaram ultrapassados com o avanço do conhecimento científico sobre o assunto e elimina a obrigatoriedade da cirurgia de redesignificação de sexo. O texto do documento deixa claro o posicionamento do Comitê Olímpico Internacional a favor de tornar o ambiente esportivo mais inclusivo no século XXI do que foi no século passado.

### **Fisiologia**

Segundo Coelho (2018) quanto maior o corpo de um indivíduo, a força para movê-lo seria equivalente ao seu tamanho, porém não é bem isso que acontece com uma pessoa trans, pois estes perdem sua força extraordinariamente por conta das intervenções clínicas de feminilização, com isso suportam seus corpos hipoteticamente mais robustos, porém mais fracos. Diante disso é considerável que: quanto maior ou mais pesado um atleta trans for, maiores serão as desvantagens para ele, pois a força que operava este corpo no passado, agora existe em menor

escala, com isso, entende-se que supostamente uma atleta trans vive em desequilíbrio entre sua força e o seu corpo, não há evidências de que essa adaptação após a redesignação seja totalmente bem acomodada pelo sistema.

### **Atletas Transgêneros Internacionais**

O primeiro atleta olímpico transgênero no mundo foi o americano Chris Mosier, ele começou em 2009 competindo no atletismo feminino, como ele não se via competindo com o seu eu autêntico resolveu iniciar seu processo de transição em 2010. Sua primeira qualificação para competir com transgênero foi em 2015, sendo o primeiro americano trans a competir no mundial de duatlo (ciclismo e corrida), no ano seguinte, na Espanha. (VEJA, 2018).

Hudson Taylor, fundador da Athlete Ally, uma organização que combate a homofobia e transfobia no esporte, argumenta que: "ter o primeiro atleta transgênero no Body Issue é inovador porque ele irá celebrar a fisicalidade transgênero e mostrará a todos que você pode ser o seu eu autêntico enquanto compete no esporte que você ama" (Coelho, 2019).

Chris Mosier atualmente é um dos maiores ativistas da causa da inclusão de atletas transgêneros nas diversas ligas esportivas.

Segundo Coelho (2019) nenhum outro atleta transgênero até então conseguiu conquistar na história tamanha visibilidade ou representatividade.

Nos Estados Unidos outra atleta transgênero que se destacou no esporte de alto rendimento foi Renée Richards. Tenista, jogadora de excelência competiu no torneio Nacional Estadunidense, no ano de 1953, ainda como homem. Apenas 24 anos mais para a frente, ela fez a cirurgia de mudança de sexo e aos 40 anos voltou a disputar em torneios de elite. Sua melhor performance foi a final do torneio de duplas do Aberto dos Estados Unidos em 1977, e sua melhor posição no ranking mundial, 20º lugar. (Veja, 2018).

Renée após a cirurgia de mudança de sexo enfrentou algumas dificuldades no âmbito esportivo, mas a atleta voltava às quadras com determinação de quem não queria deixar de fazer nada, muito menos jogar tênis. Ela própria se referiu, em entrevista, que não tinha a intenção de voltar a jogar, mas não poderia deixar de fazê-lo só porque alguns a proibiam. O caso foi judicializado por ela, que acabou ganhando a ação.

Essa não foi minha intenção. Não é tanto a ideia que eu queria ser pioneira e a que rompe barreiras. Foi um motivo muito mais pessoal. Eu passei por uma reviravolta na minha vida e eles estão me dizendo que eu não posso jogar tênis? De repente, eu disse a mim mesmo: Eu posso fazer qualquer coisa que qualquer outra mulher tem o direito de fazer. Como eles ousam? (WEINREB, 2011, s/p.).

Fallon Fox, também americana, é uma das atletas trans que mais repercutiu no meio esportivo, seu esporte é o MMA. Após fazer a cirurgia de adequação sexual, seu primeiro combate foi em 2012. Dos seis confrontos da sua trajetória, venceu 5. Hoje ela não participa mais de combate, pois as outras atletas se recusam a competir com ela. Sua última disputa foi em 2014. (VEJA, 2018).

## Atletas Transgêneros Brasileiras

Mesmo sendo a atleta trans de maior notoriedade no Brasil, Tiffany Abreu não foi a primeira a fazer parte de um time. Isabelle Neris, curitibana, treinava desde 2015 pelo Voleiras, mas até março de 2017 nunca tinha jogado em um time oficial. No início do mês de março, ela conseguiu uma autorização da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) e se tornou a primeira transexual a integrar uma equipe feminina no Brasil. (BRASIL DE FATO, 2017).

Ela relata que foi chamada para participar do time Voleiras em 2015, que disputa torneios locais e regionais, porém deixou bem claro para a comissão técnica e para as outras meninas que só poderia participar de treinos, pelo fato de ainda não ter passado pelas terapias hormonais, mas também ela não se enquadrava no padrão masculino, pois sempre teve os níveis de testosterona mais baixo que o normal.

No mesmo ano, ela entrou com recurso para alteração dos documentos, e a comissão técnica da equipe passou a buscar informações sobre a possibilidade de inscrevê-la em uma partida oficial. (BRASIL DE FATO, 2017).

Segundo o site brasil de fato em uma publicação de 2017, a CBV em uma decisão inédita autorizou que Isabelle Neris fosse registrada como atleta da equipe feminina. Ao contrário de Tiffany, ela não precisou apresentar a comprovação dos níveis de testosterona, porque vai disputar apenas torneios amadores.

Tiffany Abreu começou sua trajetória no Voleibol brasileiro masculino, até o primeiro semestre do ano de 2014 a atleta se autodenominava como Rodrigo Pará. Mesmo assumindo sua transexualidade, até a segunda temporada de 2014, ela continuou competindo no time masculino, recebeu total apoio pelo clube para permanecer no time durante todo o processo de terapia de hormonização e identidade de gênero (de masculina para feminina). Tiffany tinha 29 anos e, ao sair do Brasil, como Rodrigo Pará, atuou pelas ligas da Espanha, Portugal, Indonésia, França e Bélgica, até chegar à liga holandesa de voleibol (ASBROEK, 2014, tradução livre).

Após o reconhecimento que Tiffany cumpria com todos os pré-requisitos exigidos pelo COI, no início de 2017, foi concedido a atleta atuar no voleibol feminino. No dia 10 de dezembro Tiffany entra em quadra pelo time Vôlei Bauru, em partida válida pela "elite nacional". (Prado, 2018).

A participação de uma atleta transexual logo despertou uma série de especulações a respeito da legitimidade da sua atuação contra mulheres cissexual.

Discursos comparativos com outras atletas foram veiculados nas redes sociais e mídia esportiva, levando em consideração a média de pontos efetuados por Tiffany por partida. A fisiologia da atleta (que mesmo com a cirurgia de redesignação sexual era apresentada pela mídia como um "homem", jogando com mulheres), se tornou o "carro chefe" para a exposição de uma vida. (Prado, 2018).

Segundo Prado (2018), algumas atletas e ex atletas, a exemplo as campeãs olímpicas Tandara Caixeta e Ana Paula Henkel se posicionaram contra a

participação de Tiffany no time. A atleta Tandara se posicionou contra logo após sua média de pontos ser ultrapassada por Tiffany na superliga feminina.

Eu respeito a história dela, para a sociedade é muito importante, dar a cara para bater, é uma pessoa que eu respeito muito. É um assunto delicado. Eu estava segurando para falar sobre isso porque estava esperando nosso confronto. **Estudei, falei com muita gente sobre o assunto, tive um respaldo e eu não concordo com ela jogar no vôlei feminino** (GLOBO ESPORTE, 2018) (grifos nossos).

Segundo Prado (2018) a atleta Ana Paula Henkel refere-se a decisão do comitê olímpico em aceitá-la, como “apressada e irrefletida”, Ana Paula se manifesta com certa ignorância em perceber que as discussões de gênero se constituíram como pautas sociais em diversos espaços. Carta aberta divulgada pela atleta.

(...) O combate ao preconceito contra transexuais e homossexuais é uma discussão justa e pertinente. A inclusão de pessoas transexuais na sociedade deve ser respeitada, mas essa **apressada e irrefletida decisão de incluir biologicamente homens**, nascidos e construídos com testosterona, com altura, força e capacidade aeróbica de homens, **sai da esfera da tolerância e constrange, humilha e exclui mulheres**. [...] (ESTADÃO, 2018) (grifos nossos).

Embora as críticas negativas a respeito da aceitação da atleta Tiffany terem ganho mais notoriedade não podemos dizer que há um consenso sobre o caso. Contrapondo as colegas da seleção, Fabi Alvin libero da bicampeã olímpica, também se posicionou após uma partida de seu time.

Para mim, não achei nada de anormal. Na minha visão ela faz diferença para o time delas, como a Gabi faz para a gente. É uma jogadora que tem a força do nível da Tandara, de jogadoras mundiais. Em muitos momentos conseguimos neutralizá-la. Não vejo problema nenhum, afirmou ao globo esporte (NOTÍCIAS AO MINUTO, 2018 a).

Outra bicampeã olímpica que se posicionou a favor da jogadora transexual foi a Thaisa Daher, meio de rede da equipe Hinode Barueri, seus argumentos foram:

Ela é tão forte quanto a Tandara. As duas têm grande pontuação alta porque recebem 80% das bolas do time. Não podemos focar apenas no número de pontos que elas fazem, mas também no número de bolas que elas recebem. (NOTÍCIAS AO MINUTO, 2018b).

Para PRADO (2018) podemos destacar nessa fala da atleta a comparação de força feita entre a Tiffany e Tandara, além da análise do porquê Tiffany se apresenta como uma jogadora com a pontuação alta. Ou seja, sua alta performance estaria relacionada a sua transexualidade ou as dinâmicas relacionadas a posição que ocupa na dinâmica do jogo?

Diante disso, seria legítima as acusações contra a legalidade da participação da atleta Tiffany e outras também transexuais, como Chris Mosier e a lutadora Fallon Fox, no cenário esportivo de alto rendimento? Nos retalhos narrativos discorridos percebe-se que as falas contrárias a atuação de Tiffany se pautam, majoritariamente, em argumentos fisiológicos/hormonais, os quais ainda não sabemos se são justificáveis para se contraporem às as diretrizes publicadas pelo COI.

Podemos perceber que as discussões sobre a admissão ou não da Tiffany em jogo de fato se guiariam em evidências ou o real argumento se encontraria velado nas discussões? Diante das informações apresentadas e discutidas, a transfobia nos esportes deveria ser melhor debatida.

## **CONCLUSÃO**

A literatura ainda nos oferece poucos dados comparando atletas transgêneros com atletas cisgêneros. Até que ponto é seguro e justo um atleta trans competir no esporte de acordo com o seu gênero experiente? É um tema de difícil abordagem observando a falta de informações diretas e consistentes referentes ao desempenho fisiológico com atletas transgêneros, dificultando a resposta quanto a existência ou não da vantagem atlética, especialmente para os transgêneros.

Porém se um atleta transexual cumprir com todos os requisitos exigidos pelo Comitê Olímpico Internacional- COI nenhuma organização esportiva poderá excluir a atleta de competir em sua categoria de gênero, pois o processo de feminilização que a atleta passa durante o processo de transição a torna equiparada a uma atleta mulher cisgênero e não a um homem, isso justifica as diretrizes vigentes relacionadas aos atletas transgêneros nos esportes.

Devemos ter respeito à identidade de gênero de cada um, pois se não assim a fizermos, não garantimos a cidadania das pessoas e, sem perceber, calamos sonhos, esperanças, aumentamos os desafios que as pessoas têm de enfrentar a vida. JESUS (2012).

## REFERÊNCIAS

ASBROEK, M. T. Tiffany is thuis. Disponível em:<<https://blendle.nl/i/het-parool/tiffany-isthuis/bnl-par-20140618-3313674>>. Acesso em: 22 de Fevereiro de 2014.

BRITO, Leandro :COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL – COI. Reunião de consenso sobre redistribuição do sexo e hiperandrogenismo. acessível: [http://www.olympic.org/Documents/Commissions\\_PDFfiles/Medical\\_commission/2015-11\\_ioc\\_consensus\\_meeting\\_on\\_sex\\_reassignment\\_and\\_hyperandrogenism-en.pdf](http://www.olympic.org/Documents/Commissions_PDFfiles/Medical_commission/2015-11_ioc_consensus_meeting_on_sex_reassignment_and_hyperandrogenism-en.pdf). Acessado em 21 de julho 2017.

ESPORTE, Globo. Reportagem sobre polêmica envolvendo a jogadora Tyffani Abreu. Esporte espetacular.<https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/envolvidaem-polemica-tiffany-desabafa-forca-de-uma-mulher.ghtml>. , acesso em 18.03.2018.

ESPORTE, Globo. Reportagem sobre polêmica envolvendo a jogadora Tyffani Abreu. Esporte espetacular.<https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/envolvidaem-polemica-tiffany-desabafa-forca-de-uma-mulher.ghtml>. , acesso em 18.03.2018

ESTADÃO. Carta Aberta ao Comitê Olímpico Internacional. 2018. Disponível em:<<http://politica.estadao.com.br/blogs/ana-paula-henkel/carta-aberta-ao-comite-olimpico-internacional/>>. Acesso em:21 mai. de 2018.

FATO, Brasil. Isabelle Neris, a primeira atleta transexual registrada em um time feminino no país. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/03/20/isabelle-neris-a-primeira-atleta-transexual-registrada-em-um-time-feminino-no-pais/>> . Acesso em: 20 de Março de 2017.

GLOBO ESPORTE, Sheilla gera mal-estar após comentário sobre tiffany. 2018.Disponível em:< <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/sheilla-gera-mal-estar-apos-comentario- sobre-tiffany-imagina-se-vira-onda.ghtml>>. Acesso em:21 mai.2018.

HARPER. Joana. Race Times for Transgender Athletes. Journal of Sporting Cultures and identities, Champaign, v.6, issue, 1, p.1-9, 2015.

JESUS, J. G. D. ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS. Brasília: [s.n.], 2012.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

LUDOPÉDIO. O tênis na trajetória de Renée Richards. Disponível em:

<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-tenis-na-trajetoria-de-renee-richards/>>. Acesso em: 29 de abril de 2018.

NIKE. Nike apresenta Chris Mosier, o primeiro atleta transgênero da seleção olímpica dos EUA. 2016. Disponível em: < <https://www.b9.com.br/66481/nike-apresenta-chris-mosier-o-primeiro-atleta-transgenero-da-selecao-olimpica-dos-eua/>> Acesso em: 9 ago de 2016.

NOTÍCIAS AO MINUTO. Fabi diz que presença de Tiffany não é nada de anormal. 2018. Disponível em:< <http://www.noticiasao minuto.com.br/esporte/520788/fabi-diz-que-presenca-de-tiffany-nao-e-nada-de-anormal>> Acesso em: 25 de mai de 2018.

PRADO, Vagner Matias e NOGUEIRA, Alessandra Lo Gullo A. Transexualidade e esporte: o caso tyfanne Abreu em jogo. Revista Eletrônica de Interações Sociais, 2018

VEJA. Além de Tiffany, outros casos de diversidade de gênero no esporte. 2018. Disponível em:< <https://veja.abril.com.br/esporte/alem-de-tiffany-outros-casos-de-diversidade-de-genero-no-esporte/>> Acesso em: 12 de Janeiro de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo seu amor infinito; que se renova a todo momento em nossas vidas.

Ao meus pais pelo amor incondicional; apoio e proteção.

Aos que estiveram comigo nesta caminhada.

Obrigado!

